

CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA PATRICIA DIÓGENES FÉRRER MILFONT

**PERSPECTIVA DA LUDOTERAPIA DIANTE DO BRINCAR:**

**Uma abordagem sobre o uso de desenhos**

Juazeiro do Norte – CE  
2017

ANA PATRICIA DÓGENES FÉRRER MILFONT

**PERSPECTIVA DA LUDOTERAPIA DIANTE DO BRINCAR:**

**Uma abordagem sobre o uso de desenhos**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO, como requisito para obtenção do grau de bacharelado em psicologia.

Orientador: Francisco Francinete Leite Júnior

Juazeiro do Norte – CE  
2017

## **PERSPECTIVA DA LUDOTERAPIA DIANTE DO BRINCAR:**

Uma abordagem sobre o uso de desenhos.

Ana Patrícia Diógenes Férrer Milfont<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Júnior<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho fez uma revisão bibliográfica, do tipo qualitativa, tendo como objetivo fazer uma análise de como a ludoterapia compreende o brincar, e como uso de desenhos auxilia no processo psicoterapêutico. Na ludoterapia, o brincar é o principal meio usado para facilitar a forma que a criança se expressa e se comunica, sendo um processo que pode ocorrer em diversos lugares diferentes. E o desenho, no contexto da ludoterapia, facilita a comunicação e a expressão de sentimentos e emoções da criança, capazes de expressar diversos aspectos da personalidade, como seus medos, angustias e dificuldades, sendo um processo onde a criança pode aprender e evoluir consideravelmente. Assim, conclui-se a importância do uso de desenhos para a ludoterapia, como também a importância da participação da família para o sucesso desse atendimento.

**Palavras-chaves:** Ludoterapia; Desenho; Brincar; Criança; Psicologia.

### **ABSTRACT**

The present work made a bibliographical review, of the qualitative type, aiming to make an analysis of how the play therapy understands play, and how use of drawings helps within its psychotherapeutic process. In Ludoterapia, play is the main means used to facilitate the way the child expresses himself and communicates, being a process that can occur in several different places. And the drawing, in the context of the ludoterapia, facilitates the communication and expression of the child's feelings and emotions, capable of expressing various aspects of the personality, such as their fears, anguish and difficulties, being a process where the child can learn and evolve considerably. Thus, the importance of the use of drawings for the therapy is concluded, as well as the importance of the participation of the family for the success of this care.

**Keywords:** Ludoterapia; Drawing; Play; Child; Psychology.

## **1 INTRODUÇÃO**

O brincar é uma linguagem capaz de mostrar o que está ocorrendo internamente no indivíduo, assim como também revela seu modo de ser. Nessa prática ocorrem dois tempos de forma simultânea, já que enquanto a pessoa brinca, ela já revela o que está sendo produzido

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio – e-mail: patynathanferrer@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO Mestre em Psicologia pela UNIFOR. E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu

naquele momento, e é por isso que o brincar é o principal meio usado pela ludoterapia para facilitar a forma que a criança se expressa e se comunica (DUARTE, 2009).

O conceito de brincar passou por diversas mudanças ao longo da história, essa atividade demonstra como comportamentos humanos são sentidos e interpretados, a partir disso, pode-se conceituar o brincar como uma interpretação e uma representação de determinadas atividades infantis, evidenciadas pela linguagem dentro de uma circunstância social (WAJSCOP, 1995).

Logo, o desenho passa a ter importância no processo psicoterápico com crianças, posto que é meio que facilita a comunicação e a expressão de sentimentos e emoções e que representa uma forma de fazer uma projeção da personalidade, sendo capaz de expressar diversos aspectos que muitas vezes a própria pessoa desconhece sobre si mesma, ou que ela não consegue expressar de forma direta (LOPES, 2012).

Essas formas de facilitar a comunicação são ferramentas fundamentais para o processo psicoterápico da ludoterapia, que pode ser definida como a terapia por meio do brincar, ela é uma técnica psicoterápica infantil que se baseia no fato de que brincar é um meio natural de auto-expressão da criança. Durante as sessões de ludoterapia, a criança tem a oportunidade de libertar os seus sentimentos e problemas através da brincadeira, que é algo que engloba dimensões da interação humana que são necessárias na análise psicológica (NEOLACIO, 2013).

Partindo desse pressuposto, o conhecimento acerca do processo terapêutico através da ludoterapia é considerado de fundamental importância para a formação dos profissionais de psicologia e áreas afins. Diante disso, surge o interesse em abordar tal temática, na medida em que a prática clínica com crianças vem, cada vez mais, ganhando espaço. Fato que exige ampla dedicação e aperfeiçoamento dos profissionais para lidar com esses sujeitos em desenvolvimento.

Vale ressaltar a importância de a família ter conhecimento a respeito do trabalho desenvolvido através desse tipo de psicoterapia, já que para o sucesso do atendimento com crianças necessita-se dessa socialização entre as partes envolvidas com o intuito de produzir o desenvolvimento moral e emocional infantil podendo ocorrer em diversos locais desde a casa, a escola ou outro local de convívio social.

Dessa forma, o estudo da psicoterapia infantil é meio de crescimento profissional para o psicólogo, na medida em que busca entender as diferentes maneiras das quais as crianças se expressam e assim, desenvolver a problemática proposta nesse trabalho: qual a importância do desenho nas intervenções lúdicas no processo Ludoterápico na clínica com crianças?

Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivo compreender a ludoterapia e o uso de desenhos dentro do processo psicoterápico infantil, bem como busca identificar as diferenças entre o conceito de crianças e infância a fim de promover melhor discurso sobre essa problemática. Buscou também analisar a importância do brincar na prática da ludoterapia, assim como propõe conhecer as implicações do uso do desenho na prática clínica com crianças.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, tendo como objetivo compreender como a ludoterapia compreende o brincar e o uso de desenhos no seu processo. Para isso foi realizada uma revisão de autores como: Áries (2006), Berbarti (2008), Maia (2012). Também é realizada uma discussão sobre a importância do brincar, refletindo como ocorre o seu processo e analisando a sua técnica de uso de desenhos, subsidiando em obras de autores como: Flesler (2012), Klein (1996), Lopes (2012), entre outros.

Conforme Gil (2002), uma pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de dados em materiais já publicados, sejam eles impressos, livros, revistas, jornais, teses, dissertações e também canais de eventos científicos. O autor considera que a pesquisa bibliográfica tem uma vantagem principal, que consiste em oferecer ao cientista a permissão de vários fenômenos diversos, diferente das pesquisas que tem uma realização direta em contato com um único objeto de estudo.

Considerando a importância da pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2010) destacam que a pesquisa literária tem por objetivo colocar o pesquisador em contato direto com os documentos já escritos sobre a temática estudada, assim como o que já foi falado, gravado, ou através de filmes. Esta permite dessa forma ao pesquisador conhecer e analisar os problemas já existentes e buscar novas soluções e direcionamentos para outras pesquisas.

A coleta de dados foi realizada no período de agosto a novembro de 2017. As consultas foram realizadas em dissertações, livros, e artigos científicos nas seguintes bases de dados: *Pepsic*, *SciELO (Scientific Electronic Library online)*, *BVS-psi* e *Google acadêmico*. Foram utilizados como critérios de seleção artigos publicados na língua portuguesa, com a utilização dos seguintes descritores para realização das buscas: Crianças; Infância; Ludoterapia; Brincar.

Para a construção desse trabalho foi utilizado critério de inclusão aquilo que estejam principalmente entre os anos de 2004 e 2017, com exceção dos livros clássicos.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 CRIANÇA E INFÂNCIA: compreensão histórica.

De acordo com Maia (2012) o termo infância se origina etimologicamente no latim e tem significado de ausência da fala e dependência, possui conceito difícil de ser definido, posto que possui diversas interpretações, que vão de concordância com a época e cultura no qual estão inseridos, assim sua definição perpassou pelas gerações de formas diferentes. Logo, o sentimento de infância é algo bem amplo e complexo, já que não está vinculado a uma faixa etária, cronologia, etapa psicológica ou a um tempo linear, mas sim a uma constituição de um modo de vida, capaz de inspirar maneiras de pensar e criar momentos e formas de viver.

Berbariti (2008) menciona que as crianças sempre estiveram inseridas dentro da formulação da sociedade. Entretanto, por consequência dos diferentes sentidos atribuídos a elas, essa fase foi experimentada de várias maneiras ao longo do tempo. É através das representações dadas pelos adultos, que se estabelece o significado de criança. Dessa forma, as crianças são sujeitos construídos historicamente que forma adquirindo tratamentos a qual são compatíveis com as diferença nas relações estabelecidas. Logo, crianças são indivíduos sócio históricos, definidas pelas divergências no meio social a qual estão inseridas.

Corroborando, Maia (2012) ressalta que os conceitos de criança e infância se complementam, além de ambos terem o mesmo ponto de partida, visto que são determinados pela cultura e constituídos pela historia da humanidade. Segundo a autora, essa construção histórica do sentimento de infância assumiu diferentes significados ao longo do tempo, a qual se deu a partir das relações sociais desenvolvidas e posteriormente através de estudos específicos sobre as crianças. Assim, é possível dizer que a infância sempre existiu, desde os primórdios da humanidade, todavia, ela só foi reconhecida e considerada após muitos anos e estudos.

Lusting et. al. (2013) enfatizam a diferença entre os termos criança e infância, apontando que ao se referir a criança fala-se de uma fase da vida do individuo, enquanto que quando se tratando infância aborda-se a construção do sujeito através dos aspectos históricos, sociais e culturais. Dessa maneira, infância define-se pela característica referente a uma determinada etapa da vida, enquanto que criança refere-se a um grupo de pessoas.

Ainda de acordo com esses autores, a infância na sociedade da época de Platão não possuía características próprias, focavam numa perspectiva futurista a qual se percebia somente

possibilidades, visavam os potenciais da criança, porém, essas capacidades não permitiam que esses indivíduos praticassem esses atos de potencialidade. Nesse período, a educação era vista como ressaltado político, moldando esses sujeitos de acordo com as necessidades para formar o bom cidadão da época. Outro conceito platônico define a criança como sendo uma fase da vida inferior à vida dos adultos, a essência infantil era trabalhada para destacar as habilidades harmoniosas, posto que lhes eram atribuídas características de selvagem, intratável, indisciplinada, traiçoeira, astuciosa e insolente (LUSTING et. al. 2013).

Segundo Áries (2006), na Idade Média o sentimento de infância ainda não existia, não havia uma diferenciação entre os costumes da criança e do adulto. A partir do momento em que a criança não precisasse mais da mãe para a sobrevivência, ela já começava a fazer parte do meio social a qual os adultos faziam parte, eram permitidas a participação em jogos, realizações domésticas e trabalhar como aprendiz. Os vestuários das crianças dessa época eram incômodos e fundamentados nas vestes dos adultos, o que não permitia à criança praticar movimentos livres que fazem parte do meio infantil, a qual esse período descaracterizou. Nessa fase também se caracterizou o alto índice de mortalidade entre as crianças por falta de cuidados básicos e higiene, fato considerado comum entre os povos da época medieval, a infância vivenciada sem grande importância.

A principal diferença entre adulto e criança nesse período, era a estatura, na medida em que apresentavam o mínimo de independência, as crianças já passavam a exercer as atividades de trabalhos com os adultos. Dessa forma, os pais esperavam pela contribuição dos filhos para a plantação, caça, pesca, assim desde muito cedo as crianças já começavam a contribuir com o sustento familiar. Por isso, as crianças da época não passavam pelo brincar, estudar e se divertir como na sociedade atual. A construção da criança acontecia em meio ao mundo dos adultos, carregando as mesmas responsabilidades que eles (HENICK; FARIA 2015).

O sentimento de infância surge em dois momentos diferentes, o primeiro aparece no meio familiar por volta dos séculos XVI e XVII. Nesse momento a criança passa a ocupar um lugar apenas de objeto de diversão, serviam como entretenimento para os adultos, com base nisso, esse período ficou denominado de papparicação. Em contrapartida, no final do século XVII, a igreja recusa a ideologia da criança usada como brinquedo pelos adultos, passando a direcionar mais atenção para disciplina-las com base nos ensinamentos morais e cuidados com a saúde e higiene (ÁRIES, 2006).

Ainda de acordo com esse autor, vários fatores contribuíram para a definição desse sentimento de infância, dentre eles, a escolarização, que separou as crianças dos ambientes com adultos, bem como, à criação de brinquedos que eram específicos para crianças, como também o sentimento de família que começou a crescer e ficar centrada em torno da criança. Com a modernidade, a família começou a ter uma função tanto moral quanto espiritual, e a responsabilidade de preparar as crianças para a vida adulta ficou sendo função da escola, que tinha um grande poder disciplinar. Dessa maneira, o século XVIII trouxe autonomia, liberdade e independência para a infância. Posteriormente, no século XX começou a mudar, sobretudo, com influencia dos psicólogos e educadores as crianças passaram a ser vistas como seres que possuem direitos e que estão em uma fase de desenvolvimento, então a criança começa a ter um papel central dentro da família (ÁRIES, 2006).

A partir disso, grandes evoluções começam a acontecer em todos os aspectos, como nas vestimentas das crianças, que se tornaram diferentes e mais leves que as dos adultos; em decorrência das mudanças na forma de se vestir, as crianças passaram a ter maior liberdade para correr, brincar e fazer o que faz parte do mundo delas. Assim, aos poucos a sociedade foi diferenciando o olhar frente às crianças, deixando de enxergá-la como miniaturas de adulto (ÁRIES, 2006).

Em consequência disso, o cotidiano das vidas dos sujeitos foi se modificando e evidenciando as possibilidades de novas concepções, mais humanizadas e mostrando ao adulto as características peculiares das crianças. Esses avanços nos princípios sociais e culturais foram dando uma nova roupagem ao conceito de infância. Contudo, evidenciam ainda que as crianças conquistaram espaço na arte, foi com as contribuições dos artistas que expressaram em suas obras seus sentimentos de adulto em relação às crianças, dando subsídio para revelar as primeiras descobertas da infância, do corpo e da fala desses indivíduos (ÁRIES, 2006).

Sobre a contextualização do lugar da criança no seio familiar, Lusting et. al. (2013) ressaltam que toda a sociedade lidou com as influências da infância e criança, na medida em que toda criança precisa do cuidado dos adultos para sobreviver. Logo, é preciso que um adulto providencie os alimentos, tenha atenção nos cuidados com a saúde física e emocional, além da higiene, constituindo aspectos singulares à infância frente à sociedade, sendo estes cuidados reconhecidos também como uma preparação para a vida adulta.

Conforme Levin (1997), a Idade Moderna origina novas formas de pensar, que modifica a



história da infância. A partir de então, torna-se relevante analisar os quesitos fisiológicos do corpo e as ideologias de paixões para a alma, na medida em que é a alma responsável pelos comandos do corpo, supervalorizando o dualismo. Em meio a essas questões dualistas, emerge as primeiras reais concepções de infância, partindo da investigação das atitudes de dependência das crianças pequenas. Lentamente, o adulto passou a dar maior importância às crianças, enquanto sujeitos fracos que necessitam de cuidados.

Ao sair da dependência do outro para a sobrevivência, o indivíduo passava para outra fase. Com isso a palavra infância passou a significar a primeira fase da vida, onde consiste no período que demanda total proteção, sendo vigente até os dias atuais. Foi após a implantação da ideia de proteção, amparo e dependência que surgiu a infância. Para transformar as crianças em adultos adequados a sociedade, é preciso cuidá-las e discipliná-las devidamente (LEVIN, 1997).

Partindo desse pressuposto, Bernartt (2008) pontua que na Idade Moderna, a infância passou a ser constituída como uma construção social do sujeito. Diante disso, se formou um conjunto de conceitos sociais e princípios seguindo a estruturação da socialização e controle que se firmaram como categoria social própria. Com a chegada do Renascimento, a criança e infância ganham maiores preocupações, visto que essas representavam a possibilidade de evolução do futuro da humanidade. Desse modo, a infância se desenvolve pela construção humana e a criança teria o foco do investimento para adquirir tal evolução social. Na modernidade a criança passa a ser vista como importante elemento para a sociedade, que pode ser construído e educado.

Desse modo, Nascimento et. al. (2011) dizem que as primeiras preocupações em relação à infância, estão ligadas a disciplina e propagação da cultura, restringindo os comportamentos infantis direcionados ao prazer e aprendizado. Isso porque a criança era vista como ser irracional incapaz de se comportar com moderação em consonância com o meio social.

De acordo com Bernartt (2008), as formulações do conceito de infância no contexto brasileiro teve contribuição da colonização, onde colocava juntamente com as pessoas enviadas os diferentes aspectos culturais. Nos primórdios do século XVI, o país passou por um processo de povoamento, juntamente com os imigrantes chegavam seus filhos, crianças órfãs e crianças pobres recrutadas pela realeza Portuguesa. Essas crianças, eram submetidas a realizar trabalhos pesados para conseguir sobreviver, muitas vezes não resistiam aos maus tratos recebidos na época.

Nessa perspectiva, começam a surgir no Brasil, as iniciativas de atendimentos às crianças abandonadas, desenvolvidas nas Santas Casas de Misericórdia. É nesse momento que inicia

também as discussões acerca da infância, seguindo das descobertas das especificidades da criança, onde os termos crianças, adolescente e menino passam a se apresentar nos dicionários (BERNARTT, 2008).

Com a chegada do capitalismo, a criança se tornou um investimento lucrativo, na medida em que a força de produção lança seu olhar para esse público de forma a render lucros a curto e logo prazo. Desse modo, a criança passa a ser valorizada seguindo um padrão pedagógico a qual busca educa-la para assegurar o futuro da humanidade civilizada. Essa responsabilidade frente a formação da criança, coloca sobre os pais e os educadores a ocupação acerca da vida dessas crianças. Logo, a criança assume lugar central no contexto familiar e social (COSTA, 2007).

A partir disso, com a Constituição de 1988 foram inseridos os Direitos Internacionais da Criança. Em seguida, mais precisamente no ano de 1990 entra em vigor o Estatuto da Criança e Adolescente - ECA para garantir os direitos das crianças e adolescentes (NASCIMENTO, et. al. 2011). Sobre o conceito de criança na perspectiva do ECA, O Art 2º define que: “criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (p.9).

Áries (2006) acrescenta que atualmente, o conceito de criança pelas Leis Brasileiras se define como indivíduos que tem idade até os 12 anos incompletos, já a palavra infância, é uma categoria histórica, que não possui um único significado, mas sim vários, que se modificam bastante de acordo com a cultura que se está inserido, das relações sociais, políticas, e econômicas, além de outras.

Diante disso Mota (2008) ressalta que a criança é considerada um sujeito que os cuidados de saúde física, mental e social estão relacionados com os aspectos familiares e sociais. Sendo assim, as crianças detêm características singulares, evidenciando a importância de áreas com olhar específico para o cuidado desse público. Como é o caso da ludoterapia, um processo terapêutico destinado ao uso com crianças, a qual utiliza o brincar como principal ferramenta.

### 3.2 PERSPECTIVA SOBRE A LUDOTERAPIA: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Flesler (2012) pontua que desde o início da psicologia se aborda as possibilidades de uma psicoterapia Infantil. Enquanto que na psicanálise inicialmente não compreendia as crianças provedora de um conjunto de condições necessárias para tratamento analítico, ao contrario dos adultos.

A respeito disso, Costa (2007) afirma que a psicanálise a partir da sua experiência de Freud com o caso do pequeno Hans, a qual o autor se propôs a fazer do caso de fobia de um menino de cinco anos, objetivando comprovar seus pensamentos sobre a sexualidade infantil, por meio das articulações das teorias sexuais infantis com o complexo de Édipo, ele pôde mostrar que a realidade psíquica de uma criança se assemelha a de um adulto, a respeito das suas fantasias, desejos, e angustias.

A forma de a psicanálise entender a constituição psíquica do sujeito acabou gerando diversas consequências na prática clínica com crianças; para ela, devia-se ter como foco as fantasias inconscientes da criança, buscando permitir que a criança consiga alcançar plena capacidade de poder expressar todas as suas potencialidades (COSTA, 2007).

Para Flesler (2012) na maioria dos casos por questões estruturais quem busca consulta para uma criança são os pais. Para um adulto, uma criança é o equivalente a uma falta: nenhuma criança chega ao mundo se não fizer falta a alguém, assim como ela é capaz de realizar a presença do objeto da fantasia do adulto. Uma criança condessa, para quem deseja, uma expectativa que exige satisfação e que convida o sujeito a ocupar muito cedo o lugar do objeto preenchedor. O adulto dará a criança o lugar como objeto do desejo, de amor e do gozo, por isso os pais buscam consulta para a criança e é por isso também que a tiram.

De acordo com Petri (2008) a demanda inicial dos pais ao buscar por análise para a criança pode ser resumida em um pedido para que se conserte seu filho de alguma falha de funcionamento, através da supressão do sintoma, ou seja, tornar a criança feliz, preservando-a das vicissitudes da castração em uma tentativa de realizar uma exceção à lei dos homens. Os pais pedem ao analista ajuda para realizarem, na criança, seu ideal.

É a partir da composição das entrevistas com os pais e com a criança que se torna possível a identificação de tempo lógico da constituição subjetiva que ela está atravessando. Quanto menos dispositivos a criança tiver para organizar seu mundo, ou seja, quanto mais dependente psiquicamente de seus Outros, maior a necessidade da presença dos pais no tratamento (PETRI, 2008).

Caso a demanda da criança não seja formulada e suas questões permanecerem direcionadas aos pais, a transferência será estabelecida. Se o analista tomar a criança a partir das demandas dos pais a análise também não se encaminhará. Às vezes a criança leva tempo para formular sua demanda e endereçar ao analista sua questão, através da fala, do desenho e da

atividade lúdica. Assim como, evidencia-se que jogos, brinquedo e desenhos, e o lugar dos pais, respondem a questões de estrutura não podendo ser reduzidos a meros recursos técnicos (PETRI, 2008).

Partindo desse pressuposto, Melanie Klein desenvolveu a técnica de psicoterapia infantil, com início de suas atividades concomitante a época da publicação do caso do pequeno Hans, usava a teoria de pulsões de Freud e os estágios de evolução da libido pertencentes a Abraham. Depois disso, ela publicou o livro “A Psicanálise de Crianças”, e nele descreveu a técnica do brincar, que a partir daí fez parte de toda sua obra literária, sendo alguém que formou um respeitável suporte teórico a respeito desse tema (MORAIS, 2009).

De acordo com Klein (1996), o brincar é uma maneira de entrar no inconsciente, isso porque a partir da brincadeira a criança expõe as verdades as quais ela não tem acesso conscientemente, do mesmo modo que acontece com o adulto a partir da associação livre; através do brincar a criança está de alguma maneira, acessando seus desejos e angústias inconscientes. Dessa maneira, a finalidade da análise com criança funciona como em adultos, porém as técnicas necessitam ser moldadas conforme o psiquismo da criança, utilizando as formas lúdicas para obter êxito no setting terapêutico. A importância do brincar para a análise com criança consiste no fato de que ela não é capaz de se expressar através da fala.

Sobre o brincar Winnicott (1975) compreende sua importância a partir da construção das manifestações em transições. O autor entende o período transicional como o instante onde a criança dá início a separação da mãe. Na medida em que a separação vem ocorrendo com desmame, a criança passa a ir substituindo a figura da mãe por outro objeto. Isso só poderá acontecer se houver uma preparação do ambiente no qual a criança está inserida, o lugar deve ser adaptado às demandas do bebê a fim de que ele possa adquirir confiança no seu interior e no mundo externo.

Dessa maneira, o objeto de substituição não é fundamentalmente transicional, mas evidencia a forma como a criança se relaciona com o mundo. Tal objeto é a representação da transição da criança com a mãe, no momento em que ela deseja algo externo e separado. É daí que surge a habilidade de brincar, evidenciando uma forma de ser do ser humano. Entretanto, essa capacidade é sempre instável e está intimamente ligada aos modos de organização do âmbito social em que o sujeito está inserido (WINNICOTT, 1975).

Portanto, o motivo para psicoterapia infantil utilizar elementos lúdicos como jogos e

brincadeiras na relação com as crianças, se dá pelo fato de que as crianças não utilizam a linguagem verbal igual aos adultos e por isso precisam de formas diferentes para se expressarem e para que seja possível identificar as variáveis que controlam o comportamento da criança. A terapia infantil também tem se mostrado como uma área de psicoterapia que tem beneficiado tanto crianças como a sua família (GADELHA; MENEZES, 2004).

Conforme Homem (2009) o termo ludoterapia é derivado da palavra inglesa play-therapy, a qual tem o significado de terapia pelo brincar. Entretanto, o brincar no âmbito clínico é diferenciado das brincadeiras do cotidiano. A autora define ludoterapia como uma relação entre pessoas que acontece de forma dinâmica entre crianças e terapeuta com especialidade nas técnicas ludoterápicas, assim o objetivo da terapia é promover uma relação terapêutica de forma a explorar conteúdos relevantes para a vida da criança, mas que ela não consegue externar, por isso busca atingir os objetivos por meio do brincar, a forma natural de comunicação com as crianças.

Corroborando, Sturmer e Castro (2009) afirmam que pelo motivo da criança não conseguir se comunicar de forma verbal, do mesmo modo que um adulto, é preciso ficar atento as outras maneiras comunicativas dela, que normalmente estão predominantemente ligadas ao brincar. Portanto, é encontrando na prática ludoterápica uma forma de manifestar seus estados mentais.

Com base nisso, Neolacio (2013) diz que a ludoterapia é muito utilizada na clínica infantil, posto que uma prática psicoterápica que tem como principal objetivo usar atividades lúdicas para influenciar, promover e restabelecer o bem-estar psicológico do sujeito, bem como muitas vezes é utilizada como uma ferramenta para estimular déficits e dificuldades encontradas em alguns aspectos do desenvolvimento, sua relevância consiste, sobretudo, no desenvolvimento social da criança.

Seguindo essa perspectiva, a ludoterapia tem em seu modo de atuação o objetivo de conseguir resultados significativos em relação a diversos tipos de problemas, sendo assim, um campo que ajuda a criança a expressar seus medos, ansiedades, preocupações, e conflitos, dessa forma, possibilitar a elaboração dos seus sentimentos, e o brincar possibilita a experiência com o mundo. Diante disso, a ludoterapia torna-se relevante para o desenvolvimento social da criança, desde que tenha a participação dos pais seguindo as orientações do terapeuta. Procurando assim, averiguar a importância e os resultados do brincar no setting terapêutico, visto que é por meio dele que a criança é capaz de vivenciar as questões do mundo externo e desenvolver sua

subjetividade no presente e no futuro (NEOLACIO, 2013).

Forteski, et al. (2014) afirmam que a Ludoterapia é uma ferramenta não só de uma determinada abordagem, mas ela também está inserida na maioria das psicoterapias infantis; em toda e qualquer abordagem ela tem na brincadeira o instrumento de tradução da expressão da criança (FORTESKI, et al. 2014).

Por se tratar de uma técnica usada no atendimento psicoterápico infantil, cabe ressaltar que o profissional de ludoterapia, pelo motivo das crianças serem menores de idade e dependentes da família, sofrem interferências de terceiros no vínculo terapêutico, dessa forma o psicoterapeuta deve se manter atento para sua neutralidade e o sigilo profissional. Além disso, o terapeuta deve agir indistintamente a quem faz a solicitação do atendimento mantendo a imparcialidade no tratamento, já que raramente as crianças pedem ajuda de forma direta e muitas vezes a solicitação ocorre por meio de um encaminhamento da escola, de um médico, ou por desejo dos responsáveis (STURMER, CASTRO, 2009).

Maurano (2010) aponta outro fator importante em relação ao desenvolvimento da psicoterapia infantil é de que no início sejam feitas entrevistas preliminares, elas têm como objetivo servir de tratamento de ensaio que possibilita o psicólogo fazer uma sondagem por certo período, considerado curto para o conhecimento do caso, sabendo qual a demanda do sujeito se este é dessa forma apropriado ao processo. Uma vez que o processo de uma tentativa de cura fracassada é interrompido nesse período os prejuízos serão menores, que se houvesse uma ruptura mais adiante.

Sendo preciso avaliar o que está trazendo o caso, qual é a queixa, tanto a manifesta quanto a latente, os dados colhidos na anamnese com os pais, se houve planejamento da criança por parte dos pais, como está o desenvolvimento dessa criança, como é o relacionamento dessa família, tanto deles entre si, quanto deles com o psicólogo, esses dados subjetivos e objetivos são capazes de gerar uma compressão, mesmo que de forma parcial, a respeito do caso, e isso pode ajudar a buscar formas de lidar com a situação (ROSA, 2012).

Além disso, é preciso que o terapeuta recorra a diversas fontes de informação além das entrevistas com os familiares, a visita à escola e o contato com outros profissionais, ele também deve estar muito atento ao fantasiar da criança, pois ele possibilita que sejam identificados os comportamentos empáticos e assertivos dela, também sendo algo que possibilita o reconhecimento das regras da criança, o que ela faz de maneira inadequada, e como ela percebe

as ações que ela exerce, relacionando esses dados a história dessa criança (HABER; CARMO, 2007).

Diante do exposto, Moraes (2009) destaca que é possível afirmar que as características básicas que devem ser consideradas para desenvolver a técnica ludoterapêutica é o uso das brincadeiras, jogos, e o faz de conta, com a finalidade de revelar o inconsciente, e não apenas por meio das palavras, permitindo a exposição de diversas possibilidades de acesso aos conteúdos presentes no psiquismo da criança.

Para isso, é preciso sempre buscar estimular a participação e a espontaneidade da criança, já que quanto mais à criança se sente livre e compreendida dentro do processo terapêutico mais ela vai revelar seus pensamentos e sentimentos, e isso também é capaz de estimular a sua criatividade (CASTRO, 2009).

### 3.3 DESENHO APLICADO AOS CONTEXTOS DA LUDOTERAPIA

Simas (2011) retrata que o desenho é socialmente ligado a representação de objetos, ideias e a representação de uma figura, ou simplesmente a práticas gráficas com o uso de papel e lápis. Referindo-se aos desenhos das crianças, esse se aplica como um modo de sentimentos, desejos, ideia, expectativas, bem como externa suas ideias de mundo. Com base nisso, pode-se perceber que o desenho faz parte do cotidiano da criança, mostrando-se importante para a subjetivação dessas. O desenho tem natureza transitória, na medida em que pode ser representado de inúmeras maneiras, em livros, revistas, quadros artísticos, como recurso de ensino e terapêutico, entre outros.

Ainda de acordo com a perspectiva dessa autora, a linguagem que se expressa através do desenho é muito antiga e tem característica permanente, está presente desde os primórdios da sociedade. Logo, o desenho faz parte da vida dos indivíduos desde a existência da humanidade e vem trilhando diversas estradas no decorrer da história humana. Na pré-história os homens usavam os desenhos e pintura para se comunicar, foi assim uma das primeiras linguagens usadas pelos humanos para se expressarem. Um importante marco do uso dos desenhos na pré-história são os registros nas paredes das cavernas que revelavam suas formas de viver e transmitiam os conhecimentos vivenciados na época. Em cada sociedade o desenho teve um significado diferente. No Egito era usado em templos e túmulos para expressar as particularidades dos povos.

Na Mesopotâmia, era utilizado para a construção dos mapas cartográficos. Com o passar do tempo, os desenhos passaram a serem usadas em barros, pedras, argilas e papel (SIMAS, 2011).

Segundo Cox (2012), nem sempre a análise dos desenhos foi considerada como algo importante, inicialmente, os primeiros estudiosos de desenhos feitos por crianças estavam interessados apenas pelas características gerais, focando em buscar os motivos pelos quais elas ocorrem, esse pensamento foi mudando ao longo do tempo. A partir da década de 1920, quando os testes psicológicos estavam sendo usados para contextos clínicos e também educacionais, começaram a se concentrar no desenho como algo que pode revelar muito da criança como indivíduo, sobre as suas capacidades e também do seu estado mental.

Os principais motivos visto, consistem no fato de que os povos antepassados viam a infância de forma muito diferente da concepção que se tem na atualidade. Em geral, era comum considerar que aquilo que uma criança fazia, pensava e entendia era inferior em relação a um adulto, dessa forma, não merecendo ser registrado ou preservado, por isso, existem poucos exemplos de desenhos feitos por crianças de séculos passados, apenas as obras de artistas de talento foram preservadas, sendo possível supor, que tudo que fugia a esse padrão acabava não sendo preservado (COX, 2012).

Aos poucos isso foi mudando, um importante fator contribuinte para tais mudanças, foram as ideologias de Jean-Jacques Rousseau que ressaltam a necessidade de pensar no desenho. Ele também foi opositor às concepções de Locke e Santo Agostinho, a qual valorizou bastante as virtudes naturais da criança, que era considerada como o “bom selvagem”. A sua perspectiva defendia que se devem preservar as virtudes infantis a expressão delas, como a inocência, a pureza e também a espontaneidade. (VAGOSTELLO, 2007).

Outra importante contribuição para o avanço das percepções em relação aos desenhos foi Luquet (1969) que trata sobre o desenho em quatro momentos: o primeiro é o Realismo Fortuito: pensa no rabisco, a fase em que o ponto principal é apenas o prazer em que a criança tem em fazer; o Realismo fracassado: que compreende o fato da criança saber os detalhes do objeto, mas ainda não consegue construir no desenho; o Realismo Intelectual: consiste no fato da criança ter superado a incapacidade sintética e passa a desenhar todas as características que sabe sobre aquela determinada coisa, ela tem o apanhado em relação ao que ela sabe sobre o que quer desenhar e traz para o desenho, nesse momento ela consegue construir o desenho; Realismo visual: compreende a fase em que a criança consegue atingir a essência do desenho, quando o



desenho passa a ter as características do desenho do adulto, o aperfeiçoamento que a criança tem do seu desenho. Então para o autor ocorre uma evolução do desenho da criança.

Do mesmo modo que o desenho marcou a evolução das civilizações e deu maior significado a existência humana, contribuindo para a amplitude da linguagem, ele permanece sendo importante para o desenvolvimento humano, visto que é a primeira expressão gráfica da criança. Através do desenho a criança marca, de alguma maneira, suas alegrias, descobertas, fantasias, desejos, tristezas e desenha o mundo conforme a sua identificação. Assim, o desenho se coloca na posição de abrir possibilidades para a criança manifestar-se. Portanto, essa é uma marcante linguagem que contribui para o desenvolvimento da criança, pois através da utilização do desenho ela manifesta outras formas de expressões comunicativas (SIMAS, 2011).

Dessa forma, o desenho é um grande instrumento para expressarem aquilo que não conseguem ou não podem falar verbalmente, elas podem ser capazes de fazer por meio dos seus desenhos, permitindo que se possa fazer uma análise simbólica disso, por meio daquilo que é projetado subjetivamente nas imagens desenhadas (LOPES, 2012).

Viktor Lowenfeld (1976) desenvolveu quatro fases as quais possibilitam o estudo e compreensão dos desenhos, a primeira dessas fases denominada por Rabiscção desordenada, onde a criança desenha sem intenção nenhuma, motivada apenas pelo prazer de rabiscar. A segunda fase é a Figura Pré-Esquemática, nessa etapa criança faz uma relação entre os desenhos, pensamentos e realidade, onde ela começa a construir e dá sentido aos rabiscos. Já a terceira é a Figuração Esquemática que corresponde ao estágio em que a criança faz referências socioculturais, cria o sentido através dos desenhos e consegue elabora-los. E por fim tem a Figuração Realista no qual a criança busca investir nos detalhes, fase em que a criança se percebe como membro da sociedade.

Sobre o uso de desenho como técnica no âmbito terapêutico Lopes (2012) destaca que uma técnica bastante utilizada pela Ludoterapia como forma de facilitar a comunicação e expressão de sentimentos é o uso de desenhos. Eles, assim como as historias, são referente a uma espécie de linguagem universal, em que as crianças de qualquer idade ou classe social gostam. É possível dizer que essa é uma das formas mais antigas e permanentes de se comunicar existentes, que sempre esteve presente na historia da humanidade.

Conforme cita Protasio (1997) os desenhos das crianças tem ganhado grande relevância nos tempos atuais. Existem várias técnicas para analisa-los dentro da ludoterapia, uma dessas

técnicas é o desenho livre, onde a criança manifesta o desejo de desenhar, então, o terapeuta faz o acompanhamento de todo processo de criação; ele observa e, junto à criança, busca explorar qual é o sentido particular que é expresso pelo desenho. Ao fazer isso, o psicólogo estará possibilitando que seja feita uma conscientização da criança em relação à intencionalidade, isso significa que ela vai entender mais sobre aquilo que lhe traz motivação para criar aquele desenho, e porque ela usou aquelas cores, que motivo a fez posicionar as figuras de tal jeito, e assim por diante.

Também pode ser usada à técnica do desenho dirigido, nela, a criança vai criar e desenhar livremente, mas dessa vez o tema vai ser proposto ou sugerido pelo seu terapeuta. O objetivo dessa atividade é o de explorar por meio do desenho, questões que são pertinentes aquele sujeito. O profissional pode pedir, por exemplo, que a criança faça um desenho da sua família, do seu mundo, do seu quarto, da sua casa, da sua rotina, ou que ela dê cor para os seus sentimentos, ou até mesmo que ela desenhe os seus amigos representando eles como animais, entre outros (PROTASIO, 1997).

Dando continuidade, Duarte (2009) aponta outra técnica a qual teve significativas contribuições de Winnicott frente a relação da ludoterapia e dos desenhos. Essa técnica é denominada de jogo do rabisco, onde se inicia com o terapeuta fazendo um rabisco numa folha em branco, depois a criança deveria ser estimulada a fazer outro traço a partir do rabisco inicial, em seguida, o terapeuta fazia um novo traço, e assim se seguia de forma sucessiva, isso resultava em desenhos significativos, além de facilitar a relação entre o terapeuta e a criança. Após o desenho ser concluído, a criança expressava a sua experiência, revelando mais sobre sua personalidade. Esse método tem função de instrumento de diagnóstico, facilitar a comunicação e ter a mesma utilidade que o sonho para desvendar os mistérios do inconsciente. Essa técnica também serve para estimular a criatividade do terapeuta, principalmente para trabalhar com pacientes onde o acesso é mais complicado, que necessitam de estratégias e intervenções diferentes e criativas.

O Desenho da Figura Humana é outra técnica bastante utilizada no âmbito psicológico, tem importante instrumento da avaliação psicológica, por ser um tipo de desenho mais espontâneo e realizado com maior frequência por crianças, antes mesmo até da sua alfabetização, acaba que são os mais usados na terapia infantil. (VAGOSTELLO, 2007).

E quando esse desenho está empobrecido devido à ausência de elementos esperados para

a faixa etária dessa criança, isso pode significar algumas hipóteses, uma delas é imaturidade cognitiva, a segunda são problemas neurológicos e também pode significar conflitos emocionais. Para saber o que realmente significa, diversos autores criaram tabelas com diversos sinais, cuja presença de algum pode indicar que existem conflitos emocionais (VAGOSTELLO, 2007).

A ludoterapia se utiliza ainda do Desenho-Livre com História, que se configura em solicitar que a pessoa faça desenhos livres e que depois relate uma história livremente relacionada ao seu desenho. Depois disso, é feito um questionário em relação à história, aos personagens, situações e também sentimentos que estão mobilizados nela. Essa é uma técnica capaz de permitir que se tenha acesso a alguns aspectos relacionados à personalidade da criança. (BARBIERI, BONFIM, 2009).

Com isso, a pessoa que estiver analisando e estudando os desenhos feitos por crianças, terá conhecimento em relação ao grau de desenvolvimento da criança, como também das suas aptidões artísticas, para que dessa forma, não sejam cometidos determinados erros em relação a análise. (OAKLANDER, 1980).

Partindo desse pressuposto, Simas (2011) evidencia que ao pensar sobre o desenho de uma criança, se faz necessário reconhecer que esse é um meio de expressão para esse sujeito em desenvolvimento. Por meio dele, a criança revela parte de sua subjetividade, como pensa e como percebe a realidade ao seu redor, a cada desenho a criança fala sobre algo. A criança se descobre através das idealizações dos seus desenhos, ela localiza diferentes maneira de interpretar suas manifestações gráficas e se apropriar da realidade em que vive. Daí que parte a importância do desenho na prática clínica com crianças.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto nessa pesquisa, percebeu-se que o conceito de criança e infância modificou-se conforme o passar dos tempos. O conceito de criança está ligado a fase do sujeito, enquanto que a infância se conceitua com base nas representações que a criança tem no meio cultural e social. Inicialmente, as crianças não vivam suas particularidades, seus comportamentos eram baseados nos adultos. Começavam a trabalhar e ter responsabilidade adulta desde muito cedo. Com o passar dos tempos a criança ganhou significado diferente frente a sociedade, passaram a vivenciar as características infantis, como brincar, correr, se alfabetizar, entre outros.

Ressalta-se a importância do brincar para a constituição da subjetividade das crianças, posto que é através da brincadeira que elas expressa conteúdos internos e tem contato com o mundo externo, adquirindo subsídios para o seu desenvolvimento enquanto sujeito. O brincar é utilizado pelas crianças como forma de linguagem, diferentemente dos adultos, as crianças não conseguem expressar seus sentimentos através da fala. Dessa maneira, reconhece que a prática clínica com crianças se diferencia nesse ponto. Para isso, se faz necessário buscar ferramentas para adaptar o processo psicoterápico de acordo com a linguagem da criança.

A ludoterapia é uma técnica de cunho terapêutico que tem como objetivo servir de instrumento para a aplicação de procedimentos da psicoterapia adequando-se às particularidades das crianças. É utilizada pelos psicoterapeutas como forma de buscar compreender e trabalhar nas demandas das crianças.

A partir desse estudo, é possível notar que o ambiente tem grande influência em toda a vida da criança, e que dessa forma, apenas o atendimento dentro do consultório não é suficiente, sendo necessário o auxílio e o comprometimento dos pais. Ademais os procedimentos apresentados têm a sua eficácia, dessa forma, utilizá-los aumenta a probabilidade de sucesso psicoterapêutico, entretanto as técnicas tem que ser adaptadas para cada pessoa, já que cada criança possui condições particulares.

O desenho é uma importante ferramenta para a ludoterapia, pois através dos rabiscos a criança entra em contato com suas particularidades. A prática do desenho está presente na vida humana desde os primórdios da sociedade, obtendo a cada época uma função diferente. Na atualidade, o desenho no setting terapêutico tem sido bastante usado, visto que por meio dele é possível que terapeuta faça interpretação das questões que a criança aborda através dos desenhos. É também uma forma da criança si reconhecer e expressar suas perspectivas frente ao meio na qual está inserida.

Dessa forma, o presente trabalho possui importância para a prática terapêutica, pois demonstra que tanto as intervenções quanto as orientações com os pais e as crianças são complexas, dependem da situação, idade da criança e relações familiares envolvidas. Assim, educadores, os pais, profissionais da saúde e quem mais estiverem envolvidos no processo, devem estar atentos para investigar e intervir da forma correta.

Entretanto, vale ressaltar a importância de ampliar os discursos acerca do uso do desenho na prática ludoterapica, posto que em decorrência do avanços sociais, o publico de menor idade

são diretamente afetados, desenvolvendo patologias que podem ser trabalhadas através da psicoterapia. Dessa maneira, cabe expandir os estudos acerca dessa temática, a fim de problematizar a prática clínica com as crianças, de forma a aperfeiçoar as técnicas para obter sempre melhores resultados.

Conclui-se que o uso de desenhos na ludoterapia é eficaz, já que por meio disso, a criança é capaz de mostrar seus sentimentos, medos e frustrações, revelando seu inconsciente. Nesse sentido o desenho revela as dificuldades e problemas internos da criança que muitas vezes acabam passando despercebidos, mas que por meio dele é possível haver essa comunicação, capaz de sinalizar situações adoecidas.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006 (org 1981).

BARBIERI, V., BONFIM, I. H. F. B. Subvertendo a avaliação psicológica: o emprego do procedimento de desenhos-estórias em um paciente com gagueira. **Psicologia: Teoria e Prática**. 2009, 11(2):17-37.

BERNARTT, R. M. A. **Infância a partir de um olhar sócio-histórico**. 2008. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2n%20cia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2n%20cia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf) Acesso em 02/11/17.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CASTRO, M. G. K. Psicoterapia de grupo com crianças mediada por contos. In: CASTRO, M. G. K. et al. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. P. 216-237.

COSTA, T. **Psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

COX, M. **Desenho da criança**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 4ª Ed. 2012. .

FORTESKI, R. et al. Três abordagens em psicoterapia infantil. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v.19, n.2, p. 525-544, jul./dez. 2014.

DUARTE, I. Do P. A comunicação na psicoterapia de crianças: o simbolismo no brincar e no desenho. In: STURMER, A.; CASTRO, M. G. K. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. P. 141-153.

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

GADELHA, Y. A.; MENEZES, I. N. **Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental**. Universitas: Ciências da Saúde. v. 2, n. 1, 2004. Disponível < <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/523>> Acesso em: 02/11/17.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

HENICK, A. C.; FARIAS, P.M.F. **História da infância no Brasil**. Grupo de Trabalho – Educação da Infância, 2015. Disponível em:< [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19131\\_8679.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19131_8679.pdf)> Acesso em: 02/11/17.

HABER, G. M.; CARMO, J. S. O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. **Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.** Vol. IX, nº 1,45-61. 2007.

HOMEM, C. **A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância**. **Cadernos de Educação de Infância** n.º 88 Dez/2009. Disponível em: [http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI\\_88\\_Artigo2.pdf](http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI_88_Artigo2.pdf) Acesso em: 02/11/17.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7 ed. – São Paulo: Atlas,2010.

LOPES, S. R. de A. O uso do recurso gráfico como meio de interação e comunicação com crianças hospitalizadas. In: Affonso, R. M. L. **Ludodiagnóstico: Investigação clínica através do brinquedo**. Porto Alegre, Artmed, 2012.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

LUDWING, A. C. W. **Fundamentos e Prática de Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LUQUET, G.-H. **O desenho infantil**. Barcelona, Porto Civilização, 1969..

LUSTIG, A.L. et.al. **Criança e infância: contexto histórico social**. Grupo de Pesquisa: Contextos Educativos da Infância. 2013. Disponível em:< <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf>>Acesso em: 02/11/17.

LEVIN, E. **A infância em cena – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

KLEIN, M.. **Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas**. In Klein, M. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos . Rio de Janeiro: Imago. 1996.

MAIA, J. N. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de educação infantil** Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS 2012. Disponível em:<

<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11459-janaina-nogueira-maia.pdf>> Acesso em: 02/11/17.

MAURANO, D. **Para que serve a psicanálise**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar. 3ª Ed. 2010.

MORAIS, G. P. **Da interpretação à construção de significados na psicanálise infantil**. Sbrpr. 2009.

MOTA, P. C.A. **Influência da ludoterapia na terapêutica da criança hospitalizada**. Monografia apresentada ao curso de graduação em Enfermagem da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem. Brasília, 2008. Disponível em, <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/5007/1/Priscilla%20Caetano%20Mota.pdf>> Acesso em: 02/11/17.

NASCIMENTO, A. C. et al. (Org.). **Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília, DF: Líber Livro, 2011.

NEOLÁCIO, S. S. **Ludoterapia: A arte do brincar**. By Admin. Fevereiro, 2013.

OAKLANDER, V. **Descobrimos crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo, Summus, 1980.

PETRI, R. **Psicanálise e infância: clínica com crianças**. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud. 2008

PROTASIO, M. M. Técnicas da Gestalt-terapia aplicadas à Ludoterapia. In: PROTASIO, M. M. **Ludoterapia**. Rio de Janeiro, Revista IFEN, Ano 1. 1997. P. 12- 20.

ROSA, F. V. K. **Brinquedoteca: a Valorização do Lúdico no Cotidiano Infantil da Pré-Escola**. Barbarói, 2012. Disponível em:< [http://master.lareferencia.info/vufind/Record/BR\\_8c5cf66579aa2b32dda6a880313c7b2c/Details](http://master.lareferencia.info/vufind/Record/BR_8c5cf66579aa2b32dda6a880313c7b2c/Details)> Acesso em: 02/11/17.

SIMAS, D. L. **Riscos e rabiscos: a contribuição do desenho infantil para a alfabetização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I. 2011. Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Daiana-Leao-Simas.pdf> > Acesso em : 02/11/17.

STURMER, A.; CASTRO, M. G. K. A clínica com crianças e adolescentes: o processo psicoterápico In: STURMER, A.; CASTRO, M. G. K. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. P. 77-96.

VAGOSTELLO, L. **O emprego da técnica do desenho da pessoa na chuva: uma contribuição ao estudo psicológico de crianças vítimas de violência doméstica**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

WAJSCOP, G. **O brincar na educação infantil.** São Paulo. Cad. Pesq. n. 92, p. 62-69. 1995.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago. 1975.

.

.